

ONTOLOGIA E EPISTEMOLOGIA, O QUE É ISSO? DISCUSSÕES GEOGRÁFICAS

Antonio Henrique Bernardes¹

Resumo: O que é Ontologia? O que é Epistemologia? Estas são questões que, vez ou outra, aparecem quando estamos desenvolvendo um trabalho acadêmico. Isto vale tanto para um filósofo idealista ou um materialista histórico dialético, ou mesmo, para um cientista da área de Humanas ou para um da área de Exatas. Não poderia ser diferente, pois ambas amparam o desenvolvimento do conhecimento científico e filosófico. Desse modo, a proposta deste manuscrito consiste em discutir ambas, Ontologia e Epistemologia, a sua relação com as Ciências e, por fim, trataremos um pouco como a Ontologia pode ser Epistemologia, utilizando o conhecimento geográfico como exemplo.

Palavras-chaves: Ser; Mundo; Experiência; Conhecimento; Filosofia; Ciências.

ONTOLOGY AND EPISTEMOLOGY, WHAT IS THIS? GEOGRAPHICAL ARGUMENTATIONS

Abstract: What is Ontology? What is Epistemology? These are questions that, occasionally, happen when we are developing academic work. This is happen for an idealistic philosopher or a dialectical historical materialist, or yet, for a scientist in the Humanities area or for one in the Exact field. It could not be different, as both are bases for the development of scientific and philosophical knowledge. So, the target of this text is to discuss both, Ontology and Epistemology, and its relationship with the Sciences. Finally, we approach how Ontology can be Epistemology, for this, we will use geographic knowledge as an example.

Keywords: Being; World; Experience; Knowledge; Philosophy; Science.

INTRODUÇÃO

Abordar a Ontologia e Epistemologia é como caminhar num campo minado, pois são temas custosos tanto para a Filosofia como para as Ciências. A sensação é que nós, cientistas e filósofos, sabemos o que elas são, mas não temos uma definição imediata.

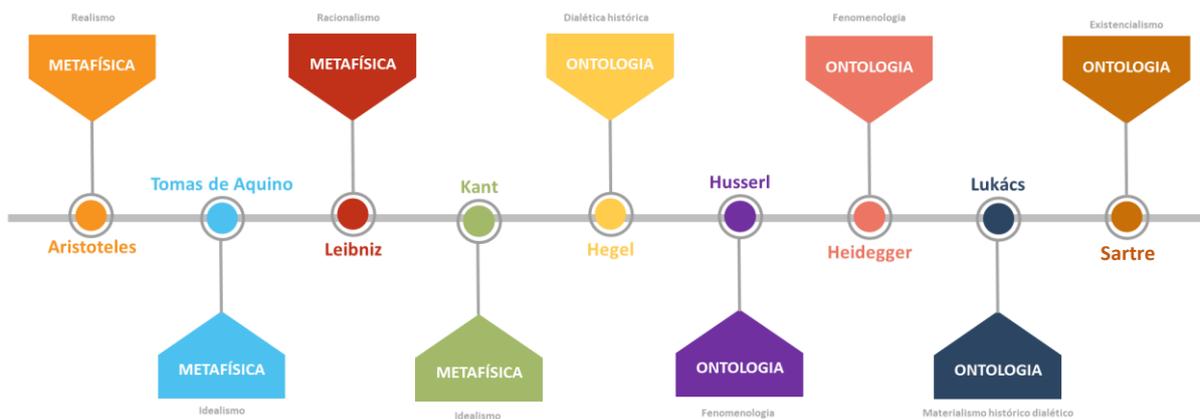
Às vezes parece que, por ampararem todos os nossos trabalhos, ambas são como um conhecimento *a priori*. Algo parecido que Kant (2005) considerou para o espaço e tempo, ou seja, como juízos sintéticos *a priori*. Em outras palavras, ele considerou que o espaço e o tempo preexistem a própria consciência porque são parâmetros de toda a realidade. Mas, não há sentido em considerar a Ontologia e a Epistemologia como *a priori* de toda razão científica e filosófica, pelo contrário. Elas

¹ Professor Adjunto IV do curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF) Campus Angra dos Reis - RJ.
Email: antonio_h_bernardes@yahoo.com.br

são uma invenção Moderna e possuem uma história que podemos arriscar a contar um pouco.

Assim, iniciaremos este manuscrito tentando contar um pouco da história da Ontologia e destacando as suas principais características. A *Figura 1* representa o caminho que percorremos neste manuscrito.

FIGURA 1. ALGUNS PENSADORES E SUAS TRADIÇÕES FILOSÓFICAS



Fonte: Antonio Bernardes, 2021

Como consta na *Figura 1*, tratamos a Metafísica e a Ontologia como tradições filosóficas próximas e constituintes de um mesmo movimento que possui como base as reflexões sobre os modos de existência dos homens. Alguns dos pensadores que trouxemos para esta discussão extrapolaram este objetivo e apareceram na discussão, também, para nos subsidiar a discussão da relação entre as Ciências e a Epistemologia. São os casos de Husserl, Heidegger, Lukács e Sartre.

**FIGURA 2:
DA METAFÍSICA AO HUMANISMO: O CONHECIMENTO E SUAS TRADIÇÕES**

A expressão **METAFÍSICA** pode possuir ao menos duas interpretações. A primeira se referindo aos escritos que estão catalogados após os escritos da física de Aristóteles. A segunda, como aquilo que está além da física, da matéria, ou seja, o pensamento.

As **CIÊNCIAS** é o estudo e a interpretação de um domínio particular de fenômenos. Tanto Heidegger (2011) como Husserl (2006) as denominaram de Ontologias Regionais, porque elas operam recortando o fenômeno de ser no mundo.

O **HUMANISMO** é a tradição filosófica e científica que propõe a retomada das discussões ontológicas no coração dos recortes operados pelas Ciências. O ser no mundo é tratado cientificamente como um único e mesmo fenômeno.



ONTOLOGIA (onto significa ser e logos, estudo) é o estudo ou conhecimento do Ser, dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas. Ou ainda, conforme Heidegger (2011), o seu problema central é buscar entender o sentido do mundo e do Ser, ambos como um fenômeno único.

A tradução de episteme é ciência e de logos é teoria, assim **EPISTEMOLOGIA** é a disciplina que toma as Ciências como objeto de investigação se debruçando sobre seus princípios e conclusões, tendo em vista determinar seu alcance e seu valor objetivo.

Fonte: Antonio Bernardes, 2021

É nesse sentido que a *Figura 2* representa não só o caminho que trilhamos da Metafísica à Epistemologia, passando pela Ontologia, mas também como uma tradição filosófica, o Humanismo, buscou relacioná-las ao ponto de considerar como a Ontologia pode ser Epistemologia, para tanto, utilizaremos o conhecimento geográfico como exemplo deste processo.

ONTOLOGIA, O QUE É

A Filosofia nasce da admiração e do espanto, dizem Platão e Aristóteles. Admiração: Por que o mundo existe? Espanto: Por que o mundo é tal como é? (CHAUI, 2000, p. 265)

A admiração e o espanto podem ser consideradas como as formas que o mundo nos tocou. Podemos tomar a admiração por aquilo que é belo (KANT, 1993), que encanta, a ordem de um prazer agradável e harmônico. Já o espanto pode ser relacionado ao assombroso, profundo, aquilo que provoca comoção, beirando ao sublime (KANT, 1993).

A admiração e o espanto são experiências distintas de mundo, assim como de nós mesmos. Mas, há algo em comum entre elas, ambas podem nos gerar indagações e reflexões. A capacidade de indagar é o coração da Filosofia.

Aristóteles foi um dos filósofos que primeiro tentou organizar esse conjunto de experiências que podem nos levar a fazer indagações. Para ele a realidade podia ser entendida em partes. A primeira parte podemos relacionar com a compreensão do mundo, ou seja, a *physis*, a física do mundo ou da natureza. Depois, ele se voltou para os homens e como estes pensam sobre o mundo. Em outras palavras, ele abordou a *metaphysika*, metafísica.

Ta: aqueles; *meta*: após, depois; *ta physika*: aqueles da física. Assim, a expressão *ta meta ta physika* significa literalmente: aqueles [escritos] que estão [catalogados] após os [escritos] da física. Ora, tais escritos haviam recebido uma designação por parte do próprio Aristóteles, quando este definira o assunto de que tratavam: são os escritos da Filosofia Primeira, cujo tema é o estudo do “ser enquanto ser”. Desse modo, o que Aristóteles chamou de Filosofia Primeira passou a ser designado como metafísica. (CHAUI, 2000, p. 266)

A metafísica foi a designação que alguns estudiosos da Filosofia, como Andrônico de Rodes (130-60 a.C), utilizaram para os manuscritos desenvolvidos após a física, principalmente, para aquilo que Aristóteles denominou de Primeira Filosofia. Mas, há outra versão para esta história, pois o termo metafísica também pode ser entendido como aquilo que está “além da física”, além da matéria, ou seja, o pensamento. Ainda mais, porque nestas obras ele discutiu o “ser enquanto ser” e o “ente enquanto ente”, ou melhor, como um ente que é Ser, o homem, pode subordinar os demais entes, coisas, do mundo. Isto só pode ocorrer porque ele tem alguma coisa de diferente, uma delas é a capacidade de indagar. É o indagar que orienta as reflexões em Metafísica.

Séculos depois de Aristóteles, a Metafísica estava consolidada como um campo de debates sobre a existência humana. Tanto, que a Filosofia se orientou pelos debates metafísicos e os escritos existenciais de pensadores como, Tomás de Aquino (1225-1274), que influenciou tanto a Filosofia como a religião Católica (AQUINO, 1995).

No século XVII repensaram o campo de estudos da Metafísica. Talvez pela preocupante proximidade entre a Filosofia e a Religião Católica. Foi aí que o filósofo alemão Jacobus Thomasius (1622-1684) considerou que a palavra correta para designar os estudos da metafísica ou Filosofia Primeira seria a palavra ontologia.

A palavra ontologia é composta de duas outras: onto e logia. Onto deriva-se de dois substantivos gregos, ta onta (os bens e as coisas realmente possuídas por alguém) e ta eonta (as coisas realmente existentes). Essas duas palavras, por sua vez, derivam-se do verbo ser, que, em grego, se diz einai. O particípio presente desse verbo se diz on (sendo, ente) e ontos (sendo, entes). Dessa maneira, as palavras onta e eonta (as coisas) e on (ente) levaram a um substantivo: to on, que significa o Ser. O Ser é o que é realmente e se opõe ao que parece ser, à aparência. Assim, ontologia significa: estudo ou conhecimento do Ser, dos entes ou das coisas tais como são em si mesmas, real e verdadeiramente. (CHAUÍ, 2000, p. 266)

Percebemos que esta definição de Ontologia não difere muito da concepção clássica de Metafísica, ou seja, como o estudo do ser das coisas, as essências, aquilo que há de íntimo, perene e verdadeiro nos entes².

Não podemos cravar que esta nova denominação para a Metafísica foi devido a necessidade de delimitação de campos de estudos ou às diferenças políticas e ideológicas dos filósofos. Todavia, nesta época era evidente as críticas aos estudos metafísicos, principalmente, por parte do denominados Empiristas.

Os Empiristas criticavam, principalmente, a ligação entre fé e a razão, entre a Religião e a Filosofia. Um exemplo disto pode ser tomado pelas considerações de Leibniz (1646-1716), que partiu de alguns pressupostos aristotélicos para explicar a realidade pelas mônadas. Estas são como átomos espirituais, são substâncias-força. São eternas, inúmeras e singulares que obedecem a uma hierarquia ascendente, das mais simples até Deus, a mônada suprema. Todo ente é uma mônada. Todo Ser é uma mônada. (LEIBNIZ, 1999).

Em contraponto a Leibniz, os Empiristas entendiam que a realidade é formada por um conjunto de ideias que vão se associando uma a outra, mas sempre possuem a experiência e a percepção como referência, ou seja, o empírico. Ora, se tudo deriva da experiência, um raciocínio *a priori* não pode produzir um ente, uma vez que não há nenhuma experiência. Em outras palavras, não é o fato de pensarmos numa caneta que a ela se materializará.

O mundo para os Empiristas deve ser conhecido por sua própria realidade. Quem o apreende deve apenas relatar como ele é, pois ele se trata de uma realidade separada e independente de nós. Contudo, as ideias dos Empiristas não agradaram todos. Kant (1724-1804) foi um deles, pois:

[...] se todo o conhecimento se principia com a experiência, isso não prova que todo ele derive da experiência. Nosso próprio conhecimento experimental bem poderia ser um composto do que recebemos por meio das impressões sensíveis e daquilo que a nossa própria capacidade de conhecer – apenas acionada por impressões próprias capacidade de conhecer – produz por si mesma, acréscimo

² Íntima porque pensada, penetrando pelas aparências dos entes em busca do entendimento acerca deste. Perene, porque as ideias em relação dos entes podem se tornar pressupostos, ou mesmo leis, para o entendimento do mundo. Verdadeiras porque os pressupostos levantados condizem, de certo modo, com a realidade dos entes.

esse que não distingue dessa matéria-prima, enquanto nossa atenção não despertar por um longo exercício que nos capacite a separá-los. (KANT, 2005, p.44)

Para Kant os conhecimentos se principiam na experiência, mas nem todos dela derivam. Isto quer dizer que o nosso conhecimento é uma mistura daquilo que experimentamos e daquilo que pensamos. E, refletindo sobre o que experimentamos temos a capacidade de separar o pensamento do experimentado.

Parece que Kant buscou estabelecer o meio termo entre o Empirismo e a Metafísica. Até porque para ele a Metafísica é “em verdade, outra coisa senão o inventário, uniformemente organizado, de tudo o que possuímos pela razão pura” (KANT, 2005, p.21), ou seja, ela é o inventário dos conhecimentos que não têm quaisquer relações com as experiências mesmo que delas derivem, por isso puro.

Hegel (1770-1831) não concordou muito com a solução proposta por Kant, porque ao tentar um meio termo, ele acabou por aprofundar mais as controvérsias entre Empirismo e Metafísica³. Ou seja, estabeleceu de um lado o domínio do ser e de outro o domínio do pensar. A proposta de Hegel foi em outro sentido, buscando entender tudo como parte de um mesmo movimento.

A consciência tem de agora em diante, como consciência-de-si, um duplo objeto: um, imediato, objeto da certeza sensível e da percepção, o qual porém é marcado para ela com um sinal de negativo; o segundo objeto é justamente ela mesma, que é a essência verdadeira e que de início só está presente em oposição ao primeiro objeto. A consciência-de-si se apresenta aqui como o movimento no qual essa oposição é supracumida e onde a igualdade consigo mesma vem-a-ser para ela. [...] A consciência-de-si que pura e simplesmente é para si, e marca imediatamente seu objeto com caráter do negativo; ou que é de início, desejo – vai fazer pois a experiência da independência desse objeto. (HEGEL, 2005, p.136-137)

Aquilo que Hegel definiu como consciência-de-si nada mais é do que o pensamento sendo construído por contradições sucessivas entre o mundo e o Ser, ou melhor, entre o objeto e a consciência. Por exemplo, percebemos uma caneta sobre a mesa, então ela é supracumida (subjetivada), se tornando também pensamento. Isto faz que cada vez que nós a percebemos, atualizamos a ideia de caneta. Por isto, para nossa consciência o objeto caneta é diferente da ideia de caneta que temos, mas ao mesmo tempo ele é igual, porque um corresponde a outro. Para Hegel, a cada nova atualização da ideia de caneta, mais a consciência buscará ser independente do objeto que ela experimentou. Lukács assim resumiu a proposta de Hegel:

Na Fenomenologia, Hegel expõe o processo através do qual a consciência do homem surge da interação entre suas aptidões internas e o mundo ambiente, o qual foi em parte gerado por sua própria atividade, em parte dado por natureza; além disso, expõe como a consciência – após inter-relações análogas, mas do tipo mais elevado – se desenvolve até chegar à autoconsciência; e mostra também como, desse desenvolvimento do homem, deriva o espírito

³ Antonio Bernardes, 2011

enquanto princípio determinante do caráter essencial do gênero humano. Como espírito – e, portanto, também um caminho que conduz ele, com os princípios dialéticos que o constituem – surgem as outras contradições, involuntárias, dessa linha ontológica de Hegel: as contradições internas à própria concepção do espírito. (LUKÁCS, 1979, p.31)

Trata-se do mesmo processo que exemplificamos a pouco, com a diferença que Lukács colocou um novo tempero na discussão, o espírito. Este se refere a capacidade que nós temos de pensar, tal como a razão em Leibniz e Kant, assim como o conhecimento em Aristóteles. Com isso, Hegel se aproximou das discussões da Metafísica que, para Lukács, se tratou de uma discussão verdadeiramente ontológica.

A maneira como Hegel desenvolveu a Ontologia, lhe atribui novas interpretações sobre o mundo e sobre o Ser, influenciou os filósofos que o sucederam. Um deles foi Ludwig Wittgenstein (1889-1951), que se dedicou a entender as estruturas da consciência e seu modo de expressão, a linguagem. O outro, foi Edmund Husserl (1859-1938), ao propor a Fenomenologia como a investigação acerca da estruturação da consciência ou do Ser do conhecimento.

Optamos pelo caminho desenvolvido por Husserl, pois ele discutiu como ocorre o conhecimento de maneira próxima a tradição Metafísica, ainda abrindo portas para tratarmos de outros pensadores, por exemplo, Heidegger, Lukács e Sartre, que também discutiram a Ontologia. Outro ponto, é que todos eles se preocuparam com a relação entre a Ontologia e as Ciências, o que muito nos interessa para esta discussão.

A ONTOLOGIA E AS CIÊNCIAS

Husserl propôs que o conhecimento fosse interpretado pela Ontologia por dois âmbitos complementares: a Ontologia Formal e a Ontologia Regional.

A Ontologia Regional é dedicada ao estudo dos diferentes tipos de fenômenos que se manifestam por ser um tipo de realidade particular – matemática, artes, história, religião, política, etc. Regional, porque a região é “toda a suprema unidade genérica pertencente a um concreto” (HUSSERL, 2006, p.55), ou seja, cada Ciência se desenvolve pelo estudo de um domínio particular de objetos e um modo próprio de abordá-los. Por exemplo, quando percebemos uma mesa podemos fazer uma análise biológica da madeira que a compõe para identificar que tipo de árvore se trata e de onde ela veio. Podemos também fazer uma análise química da mesa, identificando desde a composição das cadeias de carbono da madeira até do polímero de petróleo que compõe a sua face branca.

Pela Ontologia Regional desenvolvemos o conhecimento sobre particularidades do fenômeno. Há uma análise particular da Biologia e uma análise particular da Química, por exemplo. Cada qual opera num determinado domínio do conhecimento e de análise do real. Com isso, pelas Ciências temos a capacidade de entender as características constitutivas da mesa por uma certa perspectiva, mas pouco sabemos sobre seu contexto e significação. Eis a Ontologia Formal.

A Ontologia Formal é mais próxima a Metafísica e a Ontologia clássica. Ela possibilita entender o contexto e a significação do objeto no mundo. Isto porque a generalização operada pelas Ciências não alcança os objetivos mais universais pretendidos pela Filosofia enquanto Ontologia (HUSSERL, 2006). O adjetivo formal para a Ontologia é por ela não objetivar este conteúdo das Ciências e sim a

universidade do sentido da experiência. Retomando o nosso exemplo, a Ontologia Formal seria a aquela que vai buscar estudar a essência do fenômeno de mesa e de caneta, não o conhecimento acerca de certas particularidades destes fenômenos.

Martin Heidegger (1889-1976), propondo algo muito próximo ao desenvolvido por Husserl, afirmou que

A questão de ser visa portanto às condições a priori de possibilidade não apenas das ciências que pesquisam os entes em suas entidades e que, ao fazê-lo, sempre já se movem numa compreensão de ser. [...] A pesquisa científica não é o único modo de ser possível desse ente e nem sequer o mais próximo. [...] Dessa maneira, as ontologias que possuem por tema os entes desprovidos do modo de ser da presença [Dasein] se fundam e motivam na estrutura ôntica da própria presença [Dasein], que acolhe em si a determinação de uma compreensão pré-ontológica de ser. (HEIDEGGER, 2011, p.47-49)

As Ciências para Heidegger são ontologias porque elas são modos de conhecermos o mundo. Elas se fundam no entendimento da estrutura ôntica, ou seja, no conhecimento dos objetos. Mas, como bem sabemos o único ser que é capaz de conhecer algo somos nós, assim, todo objeto só pode surgir ao mundo como um fenômeno do conhecimento do Ser (*Dasein*). Com isso, de maneira próxima a proposta de Husserl, Heidegger propôs a Ontologia Regional e a Ontologia Fundamental.

A Ontologia Regional, como em Husserl, se refere às ciências particulares em geral. Mas, Heidegger foi além e definiu as regiões ônticas em cinco estruturas: entes materiais naturais, artificiais, ideais, de valores e os metafísicos. Cada região ôntica pressupõe um modo de compreensão específico. Para os entes naturais e artificiais as concepções ontológicas de ser, realidade, temporalidade e causalidade são fundamentais; para os entes ideais, as de idealidade, relação e intemporalidade; para os entes que são valores, são a qualidade e oposição.

O ôntico se distingue do ontológico na medida em que se ocupa do ente em sua própria existência e o ontológico dos entes tomados como objeto do conhecimento. A passagem da experiência ôntica à investigação ontológica ocorre quando há o espanto e a admiração daquilo que faz parte de nossas vivências cotidianas e buscamos entendê-las. É aí que entra a Ontologia Fundamental.

Em seu conteúdo, a fenomenologia é a ciência do ser dos entes – é ontologia, ao esclarecer as tarefas de uma ontologia, surgiu a necessidade de uma ontologia fundamental, que possui como tema a presença [Dasein], isto é, um ente dotado do privilégio ôntico-ontológico. Pois somente a ontologia fundamental pode-se colocar diante do problema cardeal, a saber, da questão sobre o sentido de ser em geral. Da própria investigação resulta que o sentido metodológico da descrição fenomenológica é a interpretação. [...] desvendando-se o sentido do ser e as estruturas fundamentais da presença [Dasein] em geral, abre-se o horizonte para qualquer investigação ontológica ulterior dos entes não dotados do caráter de presença [Dasein]. (HEIDEGGER, 2011, p.77)

A Ontologia Fundamental é aquela que se ocupa de entender esse *ser* do ente que é o *Dasein*. O seu problema central compreender o sentido do mundo e do Ser. Mas, esta só é possível quando, antes de tudo, se entendeu as estruturas

fundamentais do Ser. Este é o privilegio ôntico-ontológico a que se referiu Heidegger. Todavia, ainda há algo mais nesta citação, a Fenomenologia! Ela é a ciência do ser dos entes, dos homens e do mundo. Ora, se a Fenomenologia é ciência, então ela pressupõe uma epistemologia?

EPISTEMOLOGIA, O QUE É?

A indagação que levantamos se a Fenomenologia, enquanto ciência, poderia ou não propor uma epistemologia se baseia na ideia de que ela estuda os princípios científicos. De onde tiramos isso? Simples, pelo fato da epistemologia estar muito associada à Filosofia das Ciências.

[...] (do gr. episteme: ciência, e logos: teoria) Disciplina que toma as ciências como objeto de investigação tentando reagrupar: a) a crítica do conhecimento científico (exame dos princípios, das hipóteses e das conclusões das diferentes ciências, tendo em vista determinar seu alcance e seu valor objetivo); b) a filosofia das ciências (empirismo, racionalismo etc.); c) a história das ciências. O simples fato de hesitarmos, hoje entre duas denominações (epistemologia e filosofia das ciências) já é sintomático. (JAPIASSU, MARCONDES, 2001, p.63)

As denominações de Epistemologia e Filosofia das Ciências muitas vezes se confundem, mas seja uma ou outra, o seu objeto é o estudo das Ciências. Esta concepção é reforçada quanto entendemos que

Desde meados do século XIX, como consequência da filosofia de Augusto Comte – chamada de positivismo –, foi feita uma separação entre Filosofia e ciências positivas (matemática, física, química, biologia, astronomia, sociologia). As ciências, dizia Comte, estudam a realidade natural, social, psicológica e moral e são propriamente o conhecimento. Para ele, a Filosofia seria apenas uma reflexão sobre o significado do trabalho científico, isto é, uma análise e uma interpretação dos procedimentos ou das metodologias usadas pelas ciências e uma avaliação dos resultados científicos. A Filosofia tornou-se, assim, uma teoria das ciências ou epistemologia (episteme, em grego, quer dizer ciência). (CHAUÍ, 2000, p.65)

Augusto Comte (1798-1857) propôs que houvesse uma diferenciação entre a Filosofia e as Ciências, pois ele entendia que a proximidade da Filosofia, especificamente, da Metafísica com a Religião pouco contribuía para o desenvolvimento do conhecimento e elas deveriam perseguir objetivos diferentes. Como as Ciências possuíam a capacidade de operar o entendimento dos fenômenos de forma mais objetiva, a Filosofia deveria ser instrumento das Ciências e se tornar Epistemologia, ou seja, uma Filosofia das Ciências.

Como notamos, a proposta de Comte não teve muito eco entre os filósofos. Tanto que Wittgenstein, Husserl, Heidegger e outros tantos, continuaram a desenvolver discussões ontológicas. Mas, à primeira vista, nos parece que Heidegger também operou a diferenciação entre Filosofia e Ciências quando identificou a Ontologia Regional no âmbito do conhecimento e propôs a Fenomenologia como ciência para o estudo do ser dos entes.

Seguindo esta ideia, não seria estranho supormos que Heidegger tenha proposto que a Fenomenologia seja, também, uma epistemologia. Para isto, só nos faltaria identificar princípios e procedimentos fenomenológicos aplicáveis às Ciências. Não por isto, se Heidegger não os propôs, Husserl os fez. Para ele deveríamos considerar ao menos dois procedimentos: redução eidética e a redução transcendental. A redução eidética é o destaque do sentido do fenômeno e sobre ela é operado a redução transcendental, que é o destaque da intencionalidade da consciência (BELLO, 2006). Eis a Fenomenologia como epistemologia!

Mas, não é bem assim, pois a Ontologia se debruça sobre o fenômeno da existência, em que o Ser e o mundo são um único e mesmo fenômeno. Já a Epistemologia aborda os objetivos e interpretações possíveis de mundo e do Ser por meio de certa Ciência. Então, o objetivo epistemológico não é a experiência e sim a interpretação científica dos fenômenos. Mas, aí que está o problema, pois

A forma científica é tão mais elevada quanto mais adequada for o reflexo da realidade objetiva que ela oferecer, quanto mais ela for universal e compreensiva, quanto mais ela superar, quanto mais ela voltar as costas para a imediata forma fenomênica sensivelmente humana da realidade, tal como ela se apresenta cotidianamente. (LUKÁCS, 1968, p.182)

O conhecimento científico possui como uma de suas características generalizar as singularidades da realidade e depois partir desta universalidade para afirmar o que são as singularidades. Por exemplo,

A abstrata representação “a fruta” nasce do justificado processo mental que consiste em resumir as características comuns das maçãs, peras, etc., em um conceito. A mistificação especulativa tem lugar quando esse processo real é invertido, quando a fruta é concebida como substância e as maçãs, peras, etc., como modos desta substância. (LUKÁCS, 1968, p.86)

Pelas próprias características científicas, a Epistemologia partiria não só do refletido sobre o fenômeno, mas deste já generalizado. Por isso, pelo conhecimento científico temos o conceito de fruta, mas sem experimentar as maçãs, peras, etc. e especulando abstratamente o que são. Trata-se da anulação especulativa da experiência e é aí que está a principal diferença entre a Epistemologia e a Ontologia.

Pela Ontologia, se realiza o procedimento inverso, senão a solaparíamos seu principal objetivo, o sentido da experiência. Por ela buscamos interpretar os aspectos fundamentais dos modos de ser no mundo, a existência e a experiência. Então, não se trata “nem dentro, nem fora. Precisamente entre, na relação que é o acontecer fenomenológico no elo fundamental da intencionalidade” (MARANDOLA JR., 2020, p.25).

Por isso afirmamos que tanto Husserl como Heidegger, ao proporem a Ontologia Formal ou Fundamental e a Ontologia Regional, não tinham como objetivo a separação entre Filosofia e Ciências e tampouco anular especulativamente a experiência. A diferenciação entre as ontologias ocorreu porque há diferentes perspectivas da realidade, mas ambas são um único e mesmo movimento de ser no mundo, que é a preocupação central da Fenomenologia. Especificamente, para a redução eidética e a transcendental propostas por Husserl, podemos afirmar que

sua intenção era evidenciar a experiência, tentando colocá-la como fundamento e constituinte da *epistemé*.

Não muito distante da proposta de Husserl, Sartre também considerou que o sentido da experiência deve ser o fundamento da *epistemé*. De toda maneira, ele propôs isto não para uma Ciência em específico e sim para uma tradição filosófica que se desenvolveu pela sua ampla utilização nas Ciências, o materialismo histórico dialético.

Sartre então propôs que o Humanismo fosse uma doutrina que possibilitasse o entendimento do Ser como um agente no mundo, baseada no diálogo com os principais conceitos e categorias pertinentes ao materialismo histórico dialético que, por sua vez, remetem à existência como o fundamento de toda a sua antropologia.

Para que fosse possível abordar o sentido da experiência no coração do materialismo histórico dialético, Sartre propôs o método regressivo-progressivo. Regressivamente, se explora a profundidade do vivido e, progressivamente, as dinâmicas do movimento totalizador da sociedade.

Definiremos o método de abordagem existencialista como método regressivo-progressivo e analítico-sintético; é, ao mesmo tempo, um vaivém enriquecedor entre o objeto (que tem toda época como significações hierarquizadas) e a época (que contém o objeto em sua totalização); com efeito, quando o objeto é reencontrado em sua profundidade e singularidade, em vez de permanecer exterior a totalização (como era até então, o que os marxistas consideravam como sua integração na História), entra imediatamente em contradição com ela; em poucas palavras, a simples justaposição da época e do objeto dá lugar a um conflito vivo. (SARTRE, 2002, p.112)

O método regressivo abordou analiticamente a relação entre significante e significado característico de certa época, destacando o sentido da experiência. O método progressivo trata do objeto enquanto totalidade em totalização que é a própria época, ou seja, de modo sintético. Tratam-se de dois movimentos de pensamento que são complementares.

Esta proposta de Sartre possuiu como pano de fundo uma crítica a anulação especulativa das experiências que ocorria em alguns estudos marxistas em benefício do entendimento do movimento totalizador que é a sociedade. Acabou que se desenvolveu um conhecimento sem ponto de vista e afastado do mundo, porque possuía como parâmetro as generalizações científicas.

Sartre frisou que o conhecimento só pode surgir comprometido com determinado ponto de vista (SARTRE, 1997), ou seja, como uma necessidade ontológica ou o privilégio ôntico-ontológico, ao que se referiu Heidegger. Ela pressupõe que é necessário a precedência da Ontologia Fundamental em relação à Ontologia Regional. Inversamente a este princípio, algumas Ciências têm trabalhado somente com os aspectos mais gerais e abstratos do real e a necessidade ontológica, cada vez mais, é eclipsada por conceitos e categorias que generalizam a experiência e a existência dos homens. Este é um dos problemas que temos hoje na Epistemologia.

EPISTEMOLOGIA E ONTOLOGIA NA GEOGRAFIA

Como pudemos notar, a relação entre a Ontologia e as Ciências desenvolveu um impasse ontológico e epistemológico, pois a generalização empreendida pelas Ciências estabeleceu o afastamento entre o conhecimento e o sentido da experiência. Husserl, Sartre e Heidegger indicaram algumas formas de superação para este impasse. Mas, o que os cientistas propuseram? O que eles pensaram sobre este impasse?

Podemos afirmar que houve inúmeras propostas para superação deste impasse por parte dos cientistas. Como seria improfícuo e mesmo impossível falar de todas elas, optamos por restringir nossa análise a alguns geógrafos.

ONTOLOGIA E EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA EM ARMANDO CORRÊA DA SILVA

Armando Corrêa da Silva desenvolveu uma proposta em Geografia alicerçada na resolução do impasse que colocou o conhecimento de um lado e o sentido da experiência de outro. Ele se baseou na ontologia fenomenológica de Sartre, ou seja, ele se apoiou, principalmente, nas propostas de “O ser e o nada” (SARTRE, 1997) e em algumas obras que a precederam (SARTRE, 2017; 2019; 2013). Alguns historiadores da Filosofia denominam este Sartre de fenomenológico, pois nestas obras ele estabeleceu um intenso diálogo com Husserl e Heidegger.

Silva denominou este impasse de aristotélico kantiano, como um dos entraves epistemológicos da Geografia. Mas, o que seria isso?

A discussão entrava-se na dicotomia: o ser em si e o ser do movimento.

Ora, a Geografia tem raiz em Aristóteles com a classificação, empírica e lógica. Por outro lado, a descrição dos lugares e das populações, que se encontra em Heródoto e Estrabão, implica uma interpretação da qual não está isento o juízo de valor, o que revela e expõe o debate sobre o movimento do ser.

Foi preciso esperar pelo século XVIII, com Kant, para que a discussão sobre o fenômeno, pusesse em jogo o pensamento puro e o pensamento prático como questão central. A solução hegeliana é conhecida, assim como suas derivações. Mas a Geografia ignorou essa solução.

Ora, a Geografia tem raiz em Kant (nem tanto o Kant geógrafo) com a questão da aparência e realidade. (SILVA, 1988, p.5)

Em outras palavras, Silva identificou o mesmo problema que Sartre identificara quando propôs o método regressivo progressivo, mas por uma perspectiva científica, ou seja, o privilégio das generalizações científicas em detrimento do sentido da experiência. No caso da Geografia, houve destaque para a descrição e classificação do empírico deixando de lado o movimento de ser.

Para ele a solução estava posta desde a dialética de Hegel (2005). Isto porque ele utilizou a dialética como superação da separação entre o conhecimento e o sentido da experiência. Então, a Geografia careceu de considerar o ser que conhece e atribui sentido a experiência, o ser-no-mundo. Desse modo, alinhado à Sartre, Husserl e Hegel, Silva desenvolveu o silogismo “aparência, ser e forma”,

centrado no ser-no-mundo, apresentado em seu artigo “Aparência, ser e forma: Geografia e método” (SILVA, 1996).

A aparência é correlata a percepção, o ser aos sentidos da existência e a forma a razão. A relação entre os elementos deste silogismo e o método foi estabelecido por Silva pela ontologia-fenomenológica estrutural. Então, o liame entre a aparência e o ser é dado pela Fenomenologia; o debate acerca do ser está amparado na Ontologia; e, por último, a forma é o refletido, o conhecimento acerca do espaço como uma estrutura, que se ampara no materialismo histórico dialético (SILVA, 1996; ANTONIO BERNARDES, 2013).

Para Silva o ser é o centro da discussão, pois é ele quem transforma a aparência em forma, o abstrato em concreto, atribuindo sentido a experiência no mundo.

Recuperar a visão da aparência é o ‘ver’ carregado de subjetividade. O espaço-tempo vivido é, assim, apenas uma mediação. Há que ultrapassar o seu significado empírico, para a ideia se repor como ideia, ou seja, como abstração. (SILVA, 1996a, p.114).

Silva voltou a sua atenção para as estruturas cognitivas do ser-no-mundo e suas respectivas formas de subjetivação e objetivação, pois o ser é quem transforma a aparência em forma. Retomando o exemplo da caneta, podemos afirmar que ao perceber uma caneta sobre a mesa, ela também se torna pensamento. Pela ideia de caneta, podemos interpretar o que ela é em um contexto de mundo e identificar a sua essência. Seguindo, podemos analisar a caneta e identificar seus processos constitutivos, desde de sua forma de produção, distribuição, comercialização e os valores de uso e de troca. Atualizamos a percepção e a ideia de caneta a cada novo contato, a cada novo pensamento que temos sobre ela.

Silva viu na Ontologia uma forma de superação deste impasse ao questionar epistemologicamente a bases da Geografia. Tanto, que buscou estabelecer cada uma das categorias geográficas a partir do sentido da experiência, colocando o ser-no-mundo no centro do debate geográfico. Assim, ele considerou a Ontologia no cerne da Epistemologia em Geografia, propondo quase que uma disciplinalização da Ontologia. Resumindo, ele propôs uma reestruturação epistemológica da Geografia pela Ontologia.

ONTOLOGIA E EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA EM MILTON SANTOS

Ainda com base nas propostas de Sartre, trazemos as propostas de Milton Santos para discussão. Ele, diferentemente de Silva, tomou como base para as suas discussões a “Crítica da razão dialética” de Sartre (2002). Para alguns historiadores da Filosofia esta fase de Sartre foi denominada como marxista, pois houve o engajamento político de Sartre no partido comunista francês e a tentativa de estabelecer relações entre a Ontologia e o Marxismo.

Por um lado, é relativamente fácil encontrarmos as influências de Sartre no pensamento de Santos, tal como: a releitura da concepção do prático inerte de Sartre por inércia dinâmica de Santos (1978); a utilização da concepção de intencionalidade de Sartre e a relação que Santos fez desta com a técnica (SANTOS, 2002); a utilização que Santos (1994; 2002; 2005) fez das concepções de

totalidade e totalização ao modo proposto por Sartre; dentre outras inúmeras formas, ainda destacamos as entrevistas que o próprio Santos se colocou como sartreano⁴.

Por outro lado, não identificamos de maneira tão fácil a Ontologia nas propostas desenvolvidas por Santos. Em verdade, ela aparece uma única vez em “A natureza do espaço” (SANTOS, 2002), como um subtítulo de capítulo denominado “Ontologia do espaço”. Por isto, poderíamos questionar se valeria a pena estudar a Ontologia em Santos, já que ela foi citada apenas uma única vez. Pensamos que sim, tanto pelo alcance de sua teoria, pelas influências de Sartre em suas propostas e como a critério de comparação com outras ontologias.

Desse modo, a ontologia do espaço é “uma abordagem ‘de dentro’, uma lógica interpretativa da realidade que possibilita uma análise do modo de fundamentação e constituição das intencionalidades atribuídas aos objetos por meio das categorias analíticas do espaço” (ANTONIO BERNARDES, 2012, p.85).

A ontologia do espaço para Santos é o pensado sobre o espaço e suas dinâmicas como um complexo de estruturas ou de sistemas. Este nos lembra da concepção de forma proposta por Silva, mas isso é superficial, pois no coração da ontologia proposta por Santos há a técnica como “a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica” (SANTOS, 2002, p.28-29). Em outras palavras, o trabalho se realiza pela técnica, que é o saber fazer, e é por meio dele que a sociedade modifica o espaço, lhe atribuindo conteúdos, intencionalidades.

É estudando as intencionalidades atribuídas aos objetos, que ensejam ações, que é possível entender a lógica de funcionamento social. Esta é a ontologia do espaço em Santos, partindo da técnica em direção ao entendimento do espaço por meio das categorias geográficas.

Cada uma das categorias geográficas é para Santos um nível de entendimento do real. Mas, o seu parâmetro é o espaço geográfico porque é totalização, as demais categorias são totalidades, porque é um momento do movimento. Desse modo, certo fenômeno não se distingue de si próprio quando tentamos entender seus elementos constitutivos, pois designam uma mesma realidade, só que em diferentes níveis de entendimento acerca do espaço.

Retomando o exemplo da caneta pela perspectiva da ontologia do espaço desenvolvida por Santos, podemos afirmar que a existência de uma caneta sobre a mesa ocorre, antes de tudo, porque ela é produto de processos que vai desde sua produção, distribuição e comercialização, até os valores de uso e de troca. Descobrimos cada deles ao analisarmos a caneta e podemos organizá-los em complexos de estruturas ou de sistemas. Esta é a totalização do objeto caneta e cada enfoque de estudo é uma totalidade, que podemos entender pelas categorias geográficas. De forma bem genérica, podemos afirmar que pela paisagem teríamos uma totalidade da caneta como percebido; pelo território, a intencionalidade; pela região, as especificidades dos modos de produção; pelo lugar, a significação acerca da caneta.

Assim, a proposta epistemológica desenvolvida por Santos almejou a operacionalização das categorias geográficas para o entendimento das dinâmicas sociais e espaciais. No seu âmago, ela questionou os pressupostos Neopositivistas

⁴ Cf. SANTOS, Milton. **Entrevista com o professor Milton Santos**. Revista Caros Amigos. São Paulo, n.17, ago. 1998; **Encontro com Milton Santos ou o Mundo Global Visto do Lado de Cá – Uma Proposta Libertária para estes Dias Tumultuosos**. Direção: Sílvio Tendler. [S.l.] Rio de Janeiro: Calibran, 2006. 1 DVD (89 min), NTSC, color.

na Geografia, em que os homens e a sociedade eram considerados como dados em um sistema aberto baseado na relação de causa-efeito com base em teorias probabilísticas. Santos foi em outro sentido e considerou que o entendimento das desigualdades sociais e espaciais deve ser um parâmetro lógico a ser seguido. Por isso,

[...] a ideia de futuro aparece, no enredo do autor, como um chamamento a discutir um caminho aberto de possibilidades, um reino da esperança, da liberdade e do projeto. Entendendo o espaço como existência e a sociedade como o ser, sua proposta de uma epistemologia existencial nos adverte sobre novas possibilidades... aquelas que nos conduzam a um mundo mais humano, ao mundo da utopia (SILVEIRA apud GRIMM, 2011, p.182).

Silveira afirmou que Santos pensou o futuro como uma forma de contribuição da Geografia à Teoria Social Crítica. Ainda, nesta citação, há outras pistas para entendermos a ontologia trabalhada por Santos, tal como em considerar o espaço como existência e a sociedade como ser. Isto aconteceu porque ele considerou que é da sociedade que proveem as intencionalidades, pressupondo uma lógica de funcionamento, que é objetivada no espaço.

Como podemos notar, a ontologia do espaço de Santos difere muito daquela desenvolvida de Hegel a Sartre, porque o ser-no-mundo foi eclipsado em benefício da categoria sociedade e a existência em benefício do espaço. A totalidade é reificada e acaba por condicionar a Ontologia à Epistemologia da Geografia, lapidando o empreendimento científico de generalização e deixando de lado o sentido da experiência.

Mas, isso não diminui a proposta de Santos. Apenas nos indica que ele se preocupou e focou seus estudos na Epistemologia. A Ontologia comparece como um pano de fundo baseada numa concepção aristotélica de que a natureza, ou no caso o espaço, se abre à observação e que nada mais se poderia encontrar nele além dos fenômenos objetivos. É a partir disto que ele buscou oferecer um instrumental teórico para que haja o desenvolvimento de uma consciência emancipatória dos homens imersos no cotidiano, em que o espaço geográfico permita o entendimento quanto a totalidade em totalização do atual período de globalização.

ONTOLOGIA E EPISTEMOLOGIA DA GEOGRAFIA EM ERIC DARDEL

Eric Dardel possui uma única obra em Geografia, “O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica”, que tomaremos como base para esta discussão.

De pronto, podemos afirmar que as suas propostas diferem daquelas de Silva e Santos, seja pela narrativa desenvolvida em sua obra ou como ele abordou a História do pensamento geográfico pelo sentido da experiência. É interessante notar que ele frisou um impasse ou, como ele mesmo disse, um mal-estar.

No próprio seio do universo científico, um mal-estar provém da oscilação sincera do pensamento entre duas ordens do mundo: a da realidade concreta, mais local e momentânea; a do real, abstrata e universal, resgatada pelo método científico. Em que nível da realidade as águas marinhas são verdadeiramente reais? No nível do fenômeno, lá onde suas transparências, reflexos, suas ondulações

agem sobre nossos sentidos e nossa imaginação? Ou no nível do esquema que provém a análise físico-química? É a onda que vemos ou a molécula, é o átomo que “concebemos” que devemos atribuir valor essencial? (DARDEL, 2011, p.96-97)

Ao invés do exemplo das águas marinhas utilizado por Dardel, retomando o exemplo da caneta, temos: o que é mais verdadeiro, a caneta que está em cima da mesa, como aquela que permite trazer em papel os nossos devaneios e pensamentos pelo deslizar de suas manchas, agindo sobre nossas imaginações e sentido? Ou, o domínio que proveem da análise material e histórica em que aquilo que é a caneta escapa de nossa percepção, pois precisamos mergulhar no entendimento acerca dos processos de produção, distribuição e consumo da caneta?

Seja pela metáfora da caneta ou das águas marinhas, o mal-estar das Ciências não difere do impasse aristotélico-kantiano identificado por Silva ou daquele oriundo da separação entre o conhecimento e o sentido da experiência abordado por Hegel, Husserl, Heidegger e Sartre.

Como bem sabemos, cada um destes filósofos propôs resoluções para este impasse e mesmo entendendo que Dardel tenha centrado a sua proposta nas considerações de Heidegger e Husserl, ele alertou que a interpretação fria característica do cientificismo, em que o pesquisador coloca de lado o sentido da experiência e os modos de existência dos homens, pode se perder em abstrações universais ou, como afirmou o próprio Dardel (2011, p.97) ao citar Jaspers, ao desenvolvimento de “uma nova visão mítica”. Por outro lado, ele considerou que a atitude científica ao se desenvolver sobre certa estruturação lógica possibilita que o conhecimento não se encaminhe para uma espécie de verborragia confusa. Assim, ele propôs que as Ciências ao buscarem uma compreensão total do mundo não deixe de entender os aspectos morais, estéticos e espirituais pela existência dos homens.

Então, o que há de novo na proposta de Dardel é a retomada de uma Ontologia Fundamental no seio de uma Ontologia Regional, ou seja, do sentido da experiência no cerne da ciência geográfica. Ora, mas isto já foi feito por Silva, não? Além do mais, esta não se trata de uma proposta epistemológica, tal como as outras duas? Sim e não!

Não, se levarmos em consideração que a lógica que sustenta a Geografia, ou seja, a ordem de concatenação das ideias em sua relação com o real – Epistemologia em Geografia – está amparada, sobretudo, em teorias, categorias e conceitos (ANTONIO BERNARDES, 2011; ANTONIO BERNARDES, 2018). Dardel, não as retomaram para desenvolver a sua proposta e sim partiu da geograficidade como experiência que ampara a ciência geográfica, para então, interpretar tanto a aquilo que lhe era contemporâneo como a própria história. Sim, se considerarmos que este empreendimento realizado por Dardel propôs o desenvolvimento de outra lógica e, por consequência, de outra forma de pensar os fundamentos geográficos, sendo necessário repensar a Epistemologia da Geografia.

Ora, mas esta última possibilidade nos parece sem fundamento, pois em nenhum momento Dardel se preocupou em estabelecer a Ontologia na Epistemologia da Geografia preservando a sua base – que são os conceitos e categorias –, tal como fizera Silva ao preservar a estrutura lógica e científica da Geografia, ou mesmo, como fizera Santos, retomando a Ontologia clássica no seio da Epistemologia da Geografia.

É nesse sentido que a proposta desenvolvida por Dardel difere tanto daquela de Silva como a de Santos, por propor uma subversão epistemológica pela Ontologia na Geografia. De toda maneira, como ele afirmou, devemos nos atentar, pois a Ontologia “descartando-se da ciência ela se perderia na confusão e loquacidade” (DARDEL, 2011, p.97). É por isso que para ele não podemos perder a Geografia de vista e, ao mesmo tempo, tomar como parâmetro a geografia como experiência, pois ela precede e é a base da ciência geográfica e de suas essências.

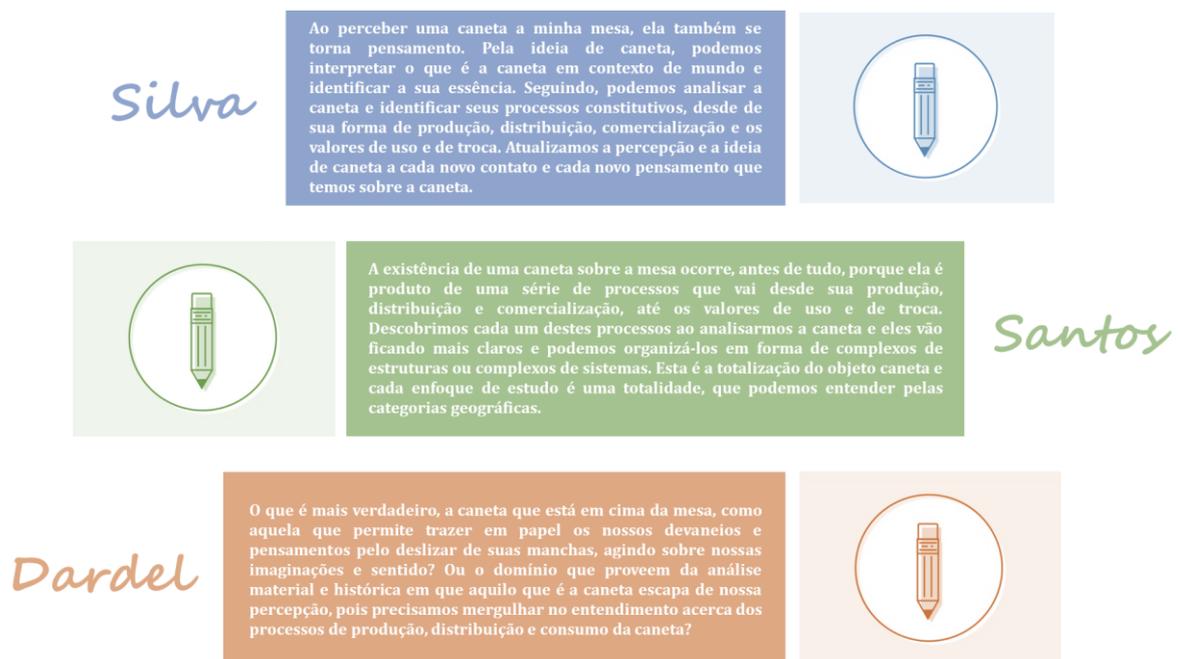
PELAS CANETAS, AS ÚLTIMAS PALAVRAS

O que é o conhecimento e como ele ocorre nos parece que foi um fenômeno que norteou os debates ontológicos na Filosofia. Num primeiro momento eles estabeleceram uma relação mais próxima com as religiões e, mais recentemente, com as Ciências. Uma das maneiras que isto reverberou nas Ciências foram pelos debates epistemológicos.

Especificamente na Geografia, os debates epistemológicos possuíram diferentes abordagens. Desde aqueles geógrafos que buscaram apoio na Ontologia até aqueles fincaram pé na Epistemologia. Seja qual for a abordagem adotada, podemos afirmar que houve uma certa congruência na identificação de alguns impasses. Mas, parou por aí, pois cada qual a sua maneira, propuseram soluções específicas segundo o contexto de época em que viveram, seus objetivos e referências intelectuais.

Retomando a metáfora da caneta, resumimos as propostas de cada um dos geógrafos discutidos pela *Figura 3*.

FIGURA 3: COMO OCORRE O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO PELA METÁFORA DA CANETA



Fonte: Antonio Bernardes, 2021

Obviamente que toda metáfora possui limites de abordagem, ainda mais para uma discussão epistemológica e ontológica, mas não custa lembrar que seu fundamento é somente encaminhar a reflexão que, no nosso caso, foi pautada em como cada um dos geógrafos entenderam o fenômeno do conhecimento e da experiência.

Nesse sentido, a *Figura 3* representa como ocorre o conhecimento e a experiência para cada um dos geógrafos abordados e, por consequência, como atribuíram diferentes pesos para a Ontologia e a Epistemologia em suas discussões. Ao mesmo tempo, é pela reflexão destas diferentes abordagens que podemos pensar um outro impasse que se desenha no horizonte: quanto negligenciamos as experiências no desenvolvimento do conhecimento acadêmico e quanto distorcemos o conhecimento acadêmico para que ele se adeque as nossas experiências?

REFERÊNCIAS

- AQUINO, T. de. **O ente e a essência**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BELLO, A. A. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru: EDUSC, 2006.
- ANTONIO BERNARDES. COMO PESQUISAR AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS EM GEOGRAFIA?. **Estudos Geográficos (UNESP)**, v. 2, p. 22-34, 2021.
- ANTONIO BERNARDES. OS MÉTODOS E AS CIÊNCIAS. **FORMAÇÃO (PRESIDENTE PRUDENTE)**, v. 25, p. 3-33, 2018.
- ANTONIO BERNARDES. APARÊNCIA, SER E FORMA: A ONTOLOGIA DO ESPAÇO EM ARMANDO CORRÊA DA SILVA. **GEOgraphia (UFF)**, v. 15, p. 114-140, 2013.
- ANTONIO BERNARDES. QUANTO AS CATEGORIAS E OS CONCEITOS. **Formação (on-line)**, v. 2, p. 165-172, 2011.
- CHAUÍ, M. de S. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GRIMM, F. Aspectos da organização do arquivo de documentos do geógrafo Milton Santos. **Revista Ieb**, n.52, 2011, p.165-182.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.
- JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Marin Claret, 2005.
- KANT, I. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**. São Paulo: Papyrus, 1993.
- LEIBNIZ, G. W. **Leibniz: os pensadores**. São Paulo: Nova cultural, 1999.

- LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**. Os princípios ontológicos fundamentais em Marx. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- LUKÁCS, G. **A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., 1979.
- MARANDOLA JR., E. Ainda é possível falar em experiência urbana? Habitar como situação corpo-mundo. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.42, v.2, 2020.
- SANTOS, M. De la société au paysage: la signification de l'espace humain. **Hérodote**, n.9, Paris, 1978, p.66-73.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.
- SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.
- SARTRE, J. **A imaginação**. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- SARTRE, J. **O imaginário**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- SARTRE, J. **Transcendência do ego**: esboço de uma descrição fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2013.
- SARTRE, J. **O ser e o nada**. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SARTRE, J. **Crítica da razão dialética**. Precedido por questão de método. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SILVA, A. C. da. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SILVA, A. C. da. Aparência, ser e forma: Geografia e método. In: **Geografia: modernidade e pós-modernidade**. Presidente Prudente, 1996. (Apostila destinada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da UNESP-FCT, campus de Presidente Prudente).